

China está convencida de que, ao se modernizar, não precisa deixar indústria no caminho

Tatiana Prazeres

Folha de S. Paulo, 25.nov.2021

Setor ficará mais competitivo porque passa a incorporar cada vez mais uso de inteligência artificial

Entre as várias crenças a respeito da [economia da China](#), há a [visão de que o país não tem como sustentar por muito tempo o título de "fábrica do mundo"](#).

O argumento é o de que, à medida que o PIB cresce e os salários sobem, a China invariavelmente perderá produção industrial para outras economias. Agora que a mão de obra no país é duas vezes mais cara que na Índia ou no Vietnã, sua etapa de líder fabril estaria com os dias contados.

A crença tem alguns elementos de verdade. O governo, porém, quer provar que a conclusão é errada. As autoridades pretendem que o país siga sendo uma [potência manufatureira](#). Entendem que perder competitividade industrial não é inevitável —mas algo fruto de políticas equivocadas. A questão é que a competitividade não poderá mais vir do baixo custo do trabalho (ou [à base de degradação ambiental](#)).

Serão serviços e tecnologia que darão o impulso para a [modernização industrial chinesa](#). O futuro da economia não passa por um dilema do tipo indústria versus serviços, como alguns com frequência caracterizam. É justamente o contrário. A indústria se tornará mais competitiva porque, partindo de uma base já robusta, passa a incorporar tecnologias de internet industrial, especialmente inteligência artificial, para ganhos de produtividade e competitividade.

Cada vez mais, o valor agregado da indústria chinesa virá de serviços tecnológicos, [possibilitados pelo 5G](#).

China, terra do meio

Em 20 anos, a China liderará o mundo em manufatura avançada, [com inteligência artificial \(IA\)](#) promovendo melhorias em automação, [prevê Kai-fu Lee, uma das grandes referências em IA](#). As fábricas chinesas já têm o maior número de robôs industriais, mas eles contam com um nível de inteligência relativamente baixo. No futuro, os robôs gradualmente atingirão outros patamares a partir de IA e serão empregados em mais cenários, estima o especialista.

Para que não haja dúvidas, o [movimento de saída de investimento industrial da China por razões de custo de mão de obra é real e ocorre há mais de uma década](#). Setores como o de confecções e calçados, por exemplo, vêm encontrando opções mais atraentes no Vietnã, no Camboja e em Bangladesh.

Outras indústrias buscam alternativas à produção na China para mitigar riscos e custos associados a tarifas e sanções adotadas especialmente pelos EUA.

Se mudanças em cadeias de valor são, em algum grau, inevitáveis, a desindustrialização não precisaria ser. A percepção aqui é a de que a desindustrialização foi um erro dos americanos que Pequim não pretende repetir. A fatia da manufatura no PIB chinês tem caído desde 2015, totalizando um pouco mais de um quarto do total em 2020.

As autoridades querem conter esse movimento, que estaria ocorrendo "muito cedo, muito rapidamente". O novo plano quinquenal 2021-2025 pretende estabilizar a participação da indústria no PIB.

Tatiana Prazeres

Senior fellow na Universidade de Negócios Internacionais e Economia, em Pequim, foi secretária de comércio exterior e conselheira sênior na direção-geral da OMC.